

O DESPERTAR

Escrito por

Rapha Menezes e Thais Mezzari

Episódio 02 - HEKATEN TOMO

3º Tratamento

Todos os direitos reservados

raphaelmenezes88@gmail.com
thaismezzarii@gmail.com

1 INT. ALTAR DE JAMSHID - NOITE

Aos pés de uma castanheira, um grupo de pessoas se movimentam organizando itens que não conseguimos identificar. Luz de tochas e uma fogueira. Vemos uma mulher de costas observando um grande símbolo entalhado no tronco da árvore. A mulher, OÍVIA, usa um capuz e não conseguimos distinguir mais.

Agora podemos ver um homem abaixado ao lado do tronco, como se examinasse ou procurasse por algo. O homem acompanha algumas marcas pelo tronco. Ele examina com atenção.

O ACÓLITO que estava no tronco se aproxima de Olivia, que está na mesma posição, e mostra a ela uma peça de líquen geometricamente desenvolvida.

ACÓLITO
É o último, senhora.

OLÍVIA
Quando floresce mais?

O Acólito faz um gesto de dúvida. Olívia faz um silêncio tenso. O Acólito esboça uma fala quando Olívia ergue a mão num gesto seco interrompendo-o.

OLÍVIA (CONT'D)
Descubra quem o ajudou. Ele não pode ter feito isso sozinho.

O Acólito hesita alguns segundos e confirma com a cabeça. Olívia volta a encarar o tronco enquanto descansa a mão sobre o punho de sua adaga ritualística em estilo persa.

OLÍVIA (CONT'D)
É só uma questão de tempo.

2 INT. QUARTO DE ALEXANDRE - NOITE

Tela preta insinuando um vórtice em movimento rápido com uma poeira dourada. Vozes caóticas, reverberadas, sobrepostas e sussurradas.

OLÍVIA (O.S.)
Questão de tempo.

O CAÓTICO (O.S.)
Questão de tempo.

A INCRÉDULA (O.S.)
Questão de tempo.

O DEBOCHADO (O.S.)
Questão de tempo.

Alexandre desperta em sobressalto. Suado. A respiração ofegante. Acende a luz do abajur. O quarto não possui detalhes, como se tivesse sido esvaziado há 3 anos. Ele se levanta e procura por algo até encontrar sua bolsa aos pés da cama. Rapidamente ele a recolhe e retira o livro de dentro dela.

Alguns segundo de reflexão e Alexandre solta os barbantes e desembrolha a capa. Dá uma folheada lenta, mas não presta atenção nas informações ali, é como se o alívio fosse apenas o ter em suas mãos. Ele pega uma outra folha de dentro da bolsa, mais simples, mais amassada, mais novo e observa a imagem desenhada ali, um símbolo que lembra um olho feito por linhas entrelaçadas ocupando metade da folha.

Continua folhando e para em uma das páginas que possui apenas escritas em uma língua irreconhecível e ali há uma peça do líquen desenvolvido geometricamente. Ele não a toca, mas fica satisfeito, esboça um leve sorriso e se recosta no travesseiro.

3 INT. COZINHA DE HELENA - DIA

Uma cozinha minimalista, mas com personalidade. Helena, com roupa casual, camiseta e calça de moletom, sentada na mesa, iluminada pela janela do lado oposto e com o celular ao lado passando o noticiário. Toma café em silêncio. Ela ouve o som do chuveiro sendo desligado e suspira preocupada.

Alexandre entra com passos contidos, hesitante. Está limpo, com uma camiseta branca e calça marrom, limpas. Carrega a bolsa apoiada no ombro. Ele para no batente e observa a irmã esperando alguma reação, mas sem retorno.

Ele se senta na frente dela e coloca a bolsa ao lado deles. Pega uma xícara ao lado e serve o café. Helena permanece mexendo no celular, sem foco.

ALEXANDRE

Tem açúcar?

Silêncio. Ele bebe o café amargo e disfarça uma careta. Olha para a irmã, olha para os lados procurando açúcar. Silêncio. Toma outro gole e outra careta.

Helena fecha o celular e encara o irmão enquanto bebe um gole do café sem fazer qualquer expressão.

ALEXANDRE (CONT'D)

Eu... Não...

Helena o encara com frieza. Se levanta e leva a xícara até a pia. O irmão balbucia algo, mas é atingido por um rompante.

HELENA

Cinco anos.

Ela se vira e encara o irmão. Ele baixa os olhos para a xícara.

HELENA (CONT'D)

Qual é o seu problema? O que você está fazendo aqui?

Ela se aproxima da mesa com agressividade

HELENA (CONT'D)

E por que agora? Não ficou satisfeito em acabar com a vida da mãe?

(Sussurrando)

Quer acabar com a minha também?

Alexandre esboça uma tentativa de responder, mas é impedido.

HELENA (CONT'D)

Onde você tava?

(Chora)
Por que você sumiu?

ALEXANDRE
Eu precisava.

Alexandre ergue a xícara e toma outro gole. Outra careta.

Helena pega um pequeno pote de açúcar que estava oculto atrás de uma decoração e coloca na frente do irmão com rispidez.

HELENA
Nem no velório.

ALEXANDRE
Eu precisava me afastar, pelo bem de vocês.

HELENA
Custa avisar? Mandar mensagem?. Até ontem você tava morto. Fiquei me perguntando se te odiava... ou se me culpava.

ALEXANDRE
Eu não conseguia, não podia.

Alexandre estica o braço até a bolsa e puxa o livro de dentro, deixando-o no centro da mesa entre eles. Helena o observa como se houvesse algum perigo ali. Alexandre desamarra o cordão e desembulha a capa. Helena dá meio passo para trás.

ALEXANDRE (CONT'D)
Eu disse que tinha coisas na minha cabeça. Eu só fui atrás de cura. E ela tá aqui.

Ele entrega para a irmã. Helena hesita. Pega o livro. Abre e passa algumas páginas com rabiscos, escritas incompreensíveis, desenhos amorfos ou geométricos.

HELENA
Você escreveu?

ALEXANDRE
De forma alguma. Isso é sagrado.

Helena lança o livro fechado sobre a mesa com desgosto.

HELENA
Então você pode pegar o seu livro sagrado e cair fora da casa que você escolheu abandonar quando a gente mais precisou de você.

ALEXANDRE

Não. Você não tá entendendo. Eu não fui porque eu quis. Eu precisava.
(Aponta para a própria cabeça)
As vozes... Eu fui procurar silêncio.

HELENA

Encontrou?

ALEXANDRE

(Hesita prestes a chorar)
Cheguei perto da loucura, mas a resposta está aqui.

Como se Helena estivesse sendo encantada pelas palavras do irmão, ela se senta e acompanha cada palavra. Ele chora.

ALEXANDRE (CONT'D)

Eu tenho certeza que está aqui e só você pode me ajudar.

HELENA

Depois de tanto tempo? Quando tudo isso começou? Por que não falou? A gente dava um jeito. Mas você escolheu fugir.

ALEXANDRE

Lembra do homem? Eu te falei dele.

Helena confirma com a cabeça.

ALEXANDRE (CONT'D)

Ele me chamou. Perguntou de você e da mamãe.

Confirma novamente.

ALEXANDRE (CONT'D)

Desde então, as vozes não pararam mais.

HELENA

Elas estão aí agora?

ALEXANDRE

Agora não, mas estavam antes.

Helena aponta para o livro.

ALEXANDRE (CONT'D)

Estou procurando por ele. Por que ele fez isso comigo? E isso vai me levar até ele.

Helena bufa e se levanta. Joga a cadeira em baixo da mesa.

HELENA

Ahh... Me poupe. Minha vida estava indo bem sem você aqui. Vamos continuar assim.

Alexandre levanta rápido da cadeira.

ALEXANDRE

Não. Eu preciso de você. Me ajuda, por favor.

HELENA

Ninguém tava aqui quando eu precisava de ajuda. Inclusive... Ficou sabendo como a mamãe morreu? O que ela passou? O que precisamos fazer? Acho que você não se importa.

O clima é interrompido pelo toque do CELULAR de Helena. Ela olha para a tela e vê uma mensagem do Vinícius.

HELENA (CONT'D)

Tenho que trabalhar.

Ela pega o blazer sobre o sofá, hesita por um instante, olha para o irmão debruçado e chorando sobre a mesa, olha para o livro ao lado. Sai sem dizer nada. A porta fecha firme.

4 EXT. IGREJA - DIA

O pátio em frente à igreja está tranquilo. VICENTE (52), camisa marrom com colarinho romano e jeans, satisfeito por mais uma missa bem sucedida, varre a calçada para limpar a frente da sua pequena igreja. Cumprimenta um ou outro fiel que passa. O sol da manhã ilumina a fachada e a cruz.

Vinícius se aproxima com a câmera pendurada no corpo e aparente, visivelmente ansioso. Ele acelera o passo.

VINÍCIUS

Bom dia! Estou procurando umas histórias locais e pensei que o senhor poderia ter alguma.

PADRE VICENTE

Bom dia! Precisando de pauta?

VINÍCIUS

Pois é. Tá difícil. Nada acontece por aqui.

PADRE VICENTE

Não subestime o silêncio, rapaz. Aqui as coisas acontecem de vagar.

O diálogo é interrompido por alguém que se aproxima. Um INDÍGENA trajando uma camiseta larga, bermuda, um colar de sementes, um cocar e pinturas corporais tradicionais, carrega alguns materiais tradicionais guarani. Uma fala carregada de sotaque.

INDÍGENA

Aqui está...

Coloca seus pertences no chão e levanta para o padre um colar de sementes e pena.

INDÍGENA (CONT'D)

Como pediu.

O padre pega o objeto e o examina.

PADRE VICENTE

Bonito.

INDÍGENA

Eho porã.

PADRE VICENTE

E essa?

Aponta uma *mbaraká* entre os pertences do indígena e devolve o colar. O sujeito pega o instrumento e entrega ao padre.

PADRE VICENTE (CONT'D)

Tive o desprazer de quebrar a minha.

Pega e levanta uma mbaraká fazendo-a RESSOAR.

INDÍGENA

Mbaraká nhemongaray

Vicente sorri para Vinícius.

PADRE VICENTE

Quer algo?

VINÍCIUS

Não. Obrigado. Só preciso de algumas boas histórias mesmo.

INDÍGENA

Temos boas histórias.

Ele enterga o colar de sementes para o Vinícius.

INDÍGENA (CONT'D)

Presente.

VINÍCIUS

Obrigado. Pode dar uma boa pauta.

INDÍGENA

Eho porã.

O indígena se retira e desaparece do mesmo modo que apareceu.

PADRE VICENTE

Acho que já conseguiu.

VINÍCIUS

O senhor fala como se escondesse um bom furo.

Vinícius gira o colar no dedo, mexe no fecho, passa o dedo pelas sementes, alisa uma pena. Trata-o com displicência.

PADRE VICENTE

É. Digamos que sei algumas histórias... Mas cada história tem seu tempo.

Vicente segura a mão de Vinícius com cuidado para fazê-lo parar o movimento.

VICENTE

Eho porã.

Aponta para o colar na mão do Vinícius e se recolhe para

dentro da igreja deixando o garoto ainda mais confuso.

5 EXT. PRAÇA ARBORIZADA - DIA

Barulho de crianças, carros e pássaros completam o ambiente. Helena está sentada na ponta de um banco de madeira. Ela está inquieta, olhos cansados, enquanto faz anotações no celular.

Vinícius se aproxima com passos leves e um sorriso contido.

Ele larga a bolsa no chão e senta ao lado de Helena, mas não muito próximo.

VINÍCIUS
Veio rápido.

HELENA
Acordei cedo.

VINÍCIUS
Algum plano?

Helena sorri de canto e finalmente o encara.

HELENA
Eu tô querendo passar uma ou duas
noites naquela construção abandonada
pra...

VINÍCIUS
Não.

HELENA
Sim.

VINÍCIUS
Vai virar caça-fantasma agora? Sem
essa.

Ele tira o celular da mochila e mostra algo a Helena. Ela se inclina, ainda desanimada.

VINÍCIUS (CONT'D)
Pesquisei sobre aquela cápsula do
tempo. Enterrada em 1975. Parece que o
prefeito vai abrir no aniversário da
cidade.

Helena fica com o olhar vago, distante.

VINÍCIUS (CONT'D)
Tá tudo bem?

HELENA
Sim. Só... dormi mal.

VINÍCIUS
Fantasmas?

Helena dá um sorriso seco. Vinícius pega da mochila o colar indígena.

VINÍCIUS (CONT'D)

Presente.

(Entrega)

Pra te proteger dos fantasmas.

Helena pega o presente, acaricia as penas e coloca o colar no pescoço.

HELENA

Vou precisar.

Eles sorriem.

HELENA (CONT'D)

Algum progresso com o padre?

Vinícius balança a cabeça, frustrado.

HELENA (CONT'D)

Então vamos com a cápsula mesmo.

Eles se levantam, Vinícius joga a mochila no ombro e caminha pela calçada. Helena o acompanha em silêncio ajustando o colar no pescoço.

VINÍCIUS

(Sem olhar)

Temos trabalho pela frente.

6 INT. CASA DE HELENA - NOITE

A porta RANGE quando Helena a fecha. Ela suspira e reflete por um momento, ainda segurando o trinco. SILÊNCIO ecoa pela casa. Ela dá as costas para a porta e acaricia o colar indígena em seu pescoço e sorri aliviada, mas o sorriso dura pouco. Um "BAQUE" seco a faz lembrar do fantasma do seu irmão. Ela caminha até o barulho.

Alexandre está observando um retrato em suas mãos.

ALEXANDRE

Eu nunca devia ter partido. A gente nunca sabe quando vai ser a última vez. Eu achava que era o melhor a ser feito. Mas talvez eu tenha piorado tudo.

HELENA

Ela sempre te esperou, sabia?

Helena recolhe o retrato da mão do irmão e o recoloca ao lado dos outros no aparador.

ALEXANDRE

Eu ouvia vozes, via pessoas, quase como se fossem reais.

Helena o acompanha com os olhos.

ALEXANDRE (CONT'D)

Tentei de tudo, até morrer, mas eles me acolheram.

Helena repara no livro misterioso sobre a mesa.

Alexandre se aproxima do livro devagar e pronuncia de forma arrastada, como se fosse uma reverência.

ALEXANDRE (CONT'D)

Jamshid. Ouvi ela dizer várias vezes. É o nome de um deus, do escritor.

Ele aponta um símbolo circular composto por linhas entrelaçadas no livro. Mostra um pequeno objeto em sua mão. É o líquen geométrico.

HELENA

Que é isso? O que você tá fazendo?

Ele aperta o líquen e o esfarela sobre o livro, sujando-o. Ele passa o dedo sob algumas palavras escritas em uma folha avulsa do lado e repete as palavras;

ALEXANDRE

Akh'var... shamar... en'dule...
shidar...

Gagueja. Erra. Para. Repete.

Helena se reclina sobre o livro. Lê em voz clara e fluente,
quase como um canto.

HELENA

Akh'var shamar endule shidar.

Silêncio absoluto. O livro absorve o pó, deixando manchas de
sujeira na folha. Um acorde grave e dissonante ecoa. Os raios
de Sol inundam o ambiente. Ambos protegem os olhos, confusos.

7 INT. COZINHA DE HELENA - DIA (PASSADO)

A luz da manhã invade a cozinha com suavidade. Tudo é familiar, mas ligeiramente diferente: objetos antigos, móveis trocados de lugar, uma TV na sala. O tempo é outro.

Helena e Alexandre, estão parados em torno da mesa. Os olhos arregalados. Uma voz gritada os atinge vinda de fora da casa.

MÃE (O.S.)

Helena, cadê o teu irmão?

HELENA

Mãe...

A porta de entrada se FECHA com força e a voz de uma criança responde no lado de fora.

HELENINHA (O.S.)

Já tá vindo, mãe. Calma.

ALEXANDRE

(Para Helena)

Lena...

Os dois se viram ao ouvir um som.

ALEXANDRINHO (10), recém tomado banho, vestido para passeio, segura um copo com água. Parado observando o homem estranho na cozinha. Silêncio. Helena recua um passo. Alexandre fica estático, os olhos fixos no garoto.

HELENA

Alexandre, não.

Alexandre aproxima a mão do garoto, como se fosse acariciá-lo. O copo de água CAI fazendo um barulho mais alto do que deveria.

A respiração de Alexandrinho trava. Os olhos marejam. Dá um passo para trás. Quase desmaia. A respiração fica pesada e um choro prestes a sair pela garganta.

HELENA (CONT'D)

(grita)

Não.

Helena puxa o outro braço do irmão e o acorde grave e dissonante ecoa novamente. Tela fica escura.

8 INT. COZINHA DE HELENA - NOITE (PRESENTE)

A única iluminação vem da lâmpada amarelada sobre a pia e de um poste da rua, filtrado pela cortina fina. O relógio da parede faz um leve TIC-TAC que preenche o silêncio.

Helena segurando o braço de Alexandre. Estão parados um de frente para o outro. Eles se encaram, como se buscassem conforto no olhar um do outro. Alexandre cede, os olhos se enchem, o peito afunda. Ele leva as mãos ao rosto, envergonhado, como se tentasse esconder o choro, mas não consegue.

Helena dá meio passo à frente. Alexandre a abraça e ela corresponde como uma mãe protegendo um filho. Alexandre não tenta mais esconder o choro, a respiração estremece e o corpo cede um pouco. Helena o sustenta.

A luz oscila. Helena fecha os olhos. Respira.

Tela preta.